

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE FILOSOFIA- IFILO

EDUARDO LEITE NETO

**AS TRÊS IDADES E SUAS TRÊS LINGUAS: UMA ANÁLISE FILOLÓGICA  
SOBRE A GRADAÇÃO DAS NAÇÕES EM GIAMBATTISTA VICO**

UBERLÂNDIA

2017

EDUARDO LEITE NETO

**AS TRÊS IDADES E SUAS TRÊS LINGUAS: UMA ANÁLISE FILOLÓGICA  
SOBRE A GRADAÇÃO DAS NAÇÕES EM GIAMBATTISTA VICO**

Trabalho de Conclusão de curso  
apresentado ao curso de Filosofia da  
Universidade Federal de Uberlândia como  
exigência para obtenção do título de  
Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Aparecido  
de Oliveira Guido.

UBERLÂNDIA

2017

EDUARDO LEITE NETO

**AS TRÊS IDADES E SUAS TRÊS LINGUAS: UMA ANÁLISE FILOLÓGICA  
SOBRE A GRADAÇÃO DAS NAÇÕES EM GIAMBATTISTA VICO**

Trabalho de Conclusão de curso aprovado no curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como exigência para obtenção do título de Bacharel em Filosofia, pela seguinte banca examinadora:

Uberlândia, \_\_\_\_ de Agosto de 2017.

---

Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido, UFU/MG

---

Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto, UFU/MG

*Aos que mantêm a chama da busca pelo saber acesa e sonham por dias de paz e exultação do conhecimento humano, dedico.*

## AGRADECIMENTOS

O trabalho escrito é resultado de pesquisas e experiências vividas ao longo de um tempo, de onde extraímos afetos e novas percepções da realidade que nos cerca. Assim foi com este singelo porém dedicado trabalho, do impulso em conhecer mais os aspectos da sociabilidade humana e suas práticas ao longo dos tempos e também de nossa própria história passando até os dias de hoje. Ao Agradecer, palavra hoje desconhecida de uma sociedade estática aos afetos humanos e que não vê no outro sua imagem e semelhança, nesse exercício desse ato tão rico e de reconhecimento, deixo registrado aqui meus afetuosa agradecimentos.

Agradeço abissalmente aos que com coragem e impulso das coisas que nos fazem agir, trabalharam duramente para me ajudar a crescer num mundo de coisas ruins e belas, essas pessoas são meus pais Eloir Silva Leite, Roneide Alves de Sousa, Jane Borges de Paulo. Que no decorrer dos anos me auxiliaram com tudo quanto precisei, e aconselharam como lidar com os trâmites da vida laboriosa.

Agradeço aos familiares que sempre foram o alicerce de uma imersão ao convívio com o outro e com isso respeitar as diferenças que nos fazem serem singulares.

Agradeço aos amigos dos familiares, em especial ao amigo Dirceu Alves Pereira [In memorian], que conviveu com minha família desde meu nascimento e foi indiretamente um preceptor e incentivador da busca pelo conhecimento.

Agradeço aos amigos que durante minha estada neste curso me possibilitaram risadas, reflexões e riquíssimos afetos, no qual serei grato eternamente a Arthur Falco, Carlos Eduardo Nicodemos, Enzo Guido, Gabriel Ribeiro, Renan Henrique, Luma Urzedo; a amizade é sincera e quer a providência [eu espero] seja perpétua.

Agradeço a Universidade Federal de Uberlândia pelo apoio desde o dia em que cheguei a esta instituição, aos professores, técnicos, área da limpeza, todos que contribuíram direta e indiretamente contribuem para que a universidade funcione e se desenvolva.

Agradeço ao Prof. Dr. Humberto Guido pela oportunidade de estudar e ser orientando deste tão importante pesquisador e amigo, as aulas, conselhos e o humor nunca será esquecido.

Por fim agradeço ao Prof. Dr. Sertório Amorim pela instrução e cordialidade nas pesquisas secundárias que participo, e também pela sua disponibilidade ao aceitar o convite para a banca examinadora.

*“O gado morre*

*Os parentes morrem*

*Você também vai morrer*

*Mas a palavra sobre você*

*Nunca vai morrer*

*Se você ganhar uma boa reputação”.*

*(Helvegen; Wardruna)*

## RESUMO

O tema desta pesquisa são os modelos de idades e línguas trabalhadas por Giambattista Vico na sua interpretação acerca do processo histórico das nações, a partir de uma reflexão sobre cada idade em que as nações passaram em seu desenvolvimento, bem como cada língua que esteve execrada no modo de vida das nações. Para tal questão é preciso problematizar acerca das origens das línguas e letras, ou seja, fazer um exercício filológico/etimológico das palavras para uma melhor compreensão de sua raiz, seu uso, bem como o processo que levará a uma transformação de significados e uso dos termos. Esse processo se dá na análise do movimento histórico em que o autor se detém, execrado nas *“três idades”* em que se deu a história dos povos gentios a qual Vico se atentou a pesquisar, a saber, a idade dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens. A partir da explicação de cada idade dentro do processo histórico das nações, são expostas as transformações que se seguiram, donde se identifica uma linguagem nos principais pontos civis da humanidade.

**Palavras-chave:** Giambattista Vico. Movimento Histórico. Linguagem.

## SINTESI

Il argomento di questa ricerca sono gli modelli delle età e lingua lavorati da Giambattista Vico nella sua interpretazione su processo storico delle nazioni, da una riflessione su ogni età in che le nazioni hanno passato in suo svolgimento, così come ogni lingua che era firmato nel modo di vita delle nazioni. Per una questione bisogna riflettere su delle origini delle lingue e lettere, in altre parole, fare un esercizio filologico/etimologico delle parole per una migliore comprensione del sua origine, suo uso, così come il processo che porterà alla una trasformazione di significati e uso del termine. Questo processo verifica nella analisi del movimento storico in che l'autore detiene, firmato nelle *'tre età'* in che mette la storia del popoli gentili quale Vico ha considerato una ricerca, la età dei dèi, età delle eroe, età delle uomini. Da spiegazione di ogni età dentro del processo storico delle nazioni, sono esposte le trasformazioni che hanno seguito, dove se identifica un linguaggio nei principali punti civili della umanità.

**Parole chiave:** Giambattista Vico. Movimento Storico. Linguaggio.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. CAPÍTULO 1: AS TRÊS IDADES E SEUS PROCESSOS.....</b>	<b>12</b>
2.1. Sobre a Tábua Cronológica.....	12
2.2. As idades e as nações.....	18
<b>3. CAPÍTULO 2: O PROBLEMA DA ORIGEM DAS LINGUAS E DAS LETRAS.....</b>	<b>23</b>
3.1 Percursos filológicos.....	23
3.2 As línguas e as letras nas três idades.....	28
<b>4. CAPÍTULO 3: O CURSO DAS NAÇÕES NO PARALELO DAS COISAS HUMANAS.....</b>	<b>35</b>
4.1 A relação entre as tríades da História.....	35
4.2 As tríades da linguagem e os artefatos do Direito natural.....	40
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo da linguagem humana em suas diversas vertentes possui papel crucial na compreensão acerca da comunicação nas relações humanas, é com esse papel crucial de compreensão que surgiu a seguinte pergunta: Como a linguagem surge, e como foi o processo de transformação dessa linguagem, bem como as transformações dos idiomas e dialetos? Com esta pergunta lanço-me a pesquisar as diferentes reflexões acerca desse tema, principalmente na reflexão do filósofo napolitano Giambattista Vico.

É sabido que no âmbito dos estudos filológicos, há diversos estudos acerca de sua gênese. Vico<sup>1</sup> em suas pesquisas atesta que a causa da dificuldade dos estudos acerca desta matéria, foi originada por doutos que consideraram como coisas separadas a origem das letras e a origem das línguas, que por sua natureza estavam interligadas, e a isso se merecia atenção a partir das palavras “*gramática*” e “*caracteres*”. Pois partindo da definição de “*gramática*” como arte de falar, e *γραμματα* que são as letras, de modo que seria melhor defini-la como arte de escrever, tal como Aristóteles a definiu, e assim, pois, como ela de fato se originou. Será exposto aqui que na visão de Vico todas as nações primeiras falavam pela escrita, assim como as nações que começaram mudas. Posteriormente “*caracteres*” quer dizer “*ideias*”, “*formas*”, “*modelos*” e afirmada àqueles poetas que foram anteriores àqueles dos sons, ou seja, aos mitos, criados a partir de onomatopeias pelos povos primitivos.

---

<sup>1</sup> Giambattista Vico (1668-1744). Filósofo italiano do século XVIII cujo trabalho permeava na Filosofia e no Direito. Com base no diálogo Crátilo de Platão, procura fundamentar uma metafísica a partir da etimologia de palavras da península itálica. Sua obra central, a *Ciência Nova* possui uma característica perceptiva frente às obras de outros filósofos por conter uma narração da progressão das nações através da etimologia das palavras juntamente com a tradição eclesiástica e os mitos de outrora.

## 2. AS TRÊS IDADES E SEUS PROCESSOS

Neste capítulo serão expostos os artefatos com que Vico usou para a pesquisa histórica em que demarca a história da mente e das coisas humanas em três idades: a idade dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens. O presente capítulo tem o intuito descritivo do conceito abordado pelo autor para compreendermos os demais capítulos que se seguirão.

### 2.1. SOBRE A TÁBUA CRONOLÓGICA

Ao iniciar sua pesquisa acerca do mundo civil das nações, Giambattista Vico projeta uma tábua cronológica para a construção de sua tese. Com isso, recorre aos egípcios, mas precisamente a sua cronologia pautada em três idades que decorrem de um mundo anterior, a saber, a idade dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens.

Na interpretação do autor a tábua cronológica relata o mundo civil das nações antigas, e a partir do dilúvio universal perpassa de modo circular por cada nação, iniciando com os hebreus e passando aos citas, fenícios, gregos e romanos até a sua segunda guerra cartaginesa. Entretanto, o autor deixará de descrever a história do povo hebreu, para se dedicar apenas ao início da história dos povos gentis. O que fica claro neste enunciado: “para o pensador napolitano, a história sacra é distinta à profana, porque o povo hebreu se documenta na bíblia, e os das nações gentias se documenta nos poemas homéricos e na legislação das XII tábuas romanas”. (BRAVO; 2003, p. 46, tradução nossa).

A partir dela surgiram homens ou fatos de abissal expressão, situados em tempos ou lugares com o aval de uma comunidade de doutos, esses homens ou fatos cuja possibilidade exponencial das ações podem ter existido no tempo certo, ou não terem ocorridos nos lugares certos. É o caso de Homero<sup>2</sup>; no qual Vico dedica o terceiro livro da *Scienza Nuova* para indagar acerca da existência do poeta. Seria Homero um homem poeta, ou um tempo em que um povo caracterizava-se como um povo poeta com a

---

<sup>2</sup> Importantíssimo poeta épico grego no qual as obras *Iliada* e *Odisseia* são atribuídas como autoria do poeta.

algunha de ‘Homero’? Com essa indagação o autor perpassa sua tese acerca do poeta grego.

A questão sobre a tábua cronológica a que Vico recorre e bem como sua interpretação, se mostra contrária ao cânone histórico sobre os egípcios, hebraicos e gregos do historiador John Marsham<sup>3</sup> que pretendia provar que os egípcios foram pioneiros na política e na religião, e que seus ornamentos civis e suas práticas religiosas foram transportados para outras nações, porém, foram recebidas com correções pelos hebreus. Segundo o teólogo inglês Spencer<sup>4</sup>, em sua dissertação *De Urim et Tummim*, onde propõe que os israelitas teriam aprendido com os egípcios toda ciência e métodos divinos mediante a Kabbalah<sup>5</sup>. Dado a proposição de Marsham, o teólogo holandês Van heurn<sup>6</sup> vai de acordo com a tese do inglês, e na obra *Antiguidade da Filosofia Barbara*, no capítulo chamado *Caldaicus*, disserta sobre Moisés, que ensinado na ciência divina egípcia, incorporou-as em suas leis e as levou para os hebreus. De encontro com Hermann Wits<sup>7</sup> que na obra *Aegyptiaca sive de aegyptiacorum sacrorum cum hebraicis collatione*, considerava que o primeiro autor gentil que levou a Europa as primeiras impressões sobre o Egito foi Dion Cássio<sup>8</sup>, nascido nos tempos do filósofo Marco Aurélio. Tal coisa pode ser contrariada na obra de Tácito, em que narra Germânico, ao passar pelo Oriente em direção ao Egito para observar as famosas antiguidades de Tebas, e assim recebendo explicações dos sacerdotes sobre os hieróglifos fixados nos obeliscos, onde refletindo sobre isso, vê que os caracteres conservaram as memórias do grande império de Ramsés na África, Oriente e Ásia menor.

Entretanto, a ilimitada antiguidade expressa não possui certo valor em sabedoria obscura [nos hieróglifos] para com os egípcios do mediterrâneo. Nos tempos de Clemente de Alexandria<sup>9</sup>, assim narrado nas *Stromata*, os chamados livros sacerdotais que somam quarenta e dois, possuíam em Filosofia e Astronomia graves erros, os quais

---

<sup>3</sup> (1602-1682) Historiador e membro do parlamento inglês. Ficou conhecido ao questionar a cronologia do Antigo Testamento.

<sup>4</sup> (1630-1693) Teólogo e Hebraísta inglês que trabalhou a questão da cronologia hebraica em relação à cronologia de outras religiões antigas.

<sup>5</sup> Na verdade os hebraicos fundamentaram a Kabbalah no período em que foram cativos na Babilônia do imperador Nabucodonosor.

<sup>6</sup> (1577-1652) Médico e Filósofo holandês.

<sup>7</sup> (1636-1708) Teólogo holandês partidário da Teologia da aliança ou Federalismo. Sua obra principal se chama *De oeconomia foederum Dei cum hominibus* (Sobre a economia dos convênios entre o homem e Deus).

<sup>8</sup> (155 d.C- 235 d.C) Historiador romano.

<sup>9</sup> (150 d.C- 215 d.C) Padre grego e pesquisador das doutrinas não cristãs.

Querémom, mestre de São Dionísio, o Areopagita, foi colocado contrário a Estrabão<sup>10</sup>; no campo da medicina, Galeno<sup>11</sup> evidencia no livro de *medicina mercuriali* possuir absurdos e uma mescla de conhecimentos não propícios para a obra, como no caso da teologia, que estava infestada de magia, superstições e adivinhações. A grandeza de seus obeliscos e suas pirâmides poderia segundo Vico, serem filhos da *barbárie*: ‘o primeiro emprego desta palavra foi para identificar o estágio inaugural da vida humana no mundo, que correspondeu ao estabelecimento dos primeiros laços sociais’. (GUIDO; 2004, p. 73); pois esta se manifesta pela grandeza de seus símbolos, todavia para Vico, os métodos de confecção de escultura e os métodos de fundição denunciam serem bastante grosseiros em relação a outros povos, mas precisamente os gregos. Segundo ele, sendo a delicadeza algo da filosofia, e tendo a Grécia como a nação dos filósofos, apenas ela sob o olhar de Vico teve capacidade de desenvolver os mais variados instrumentos do engenho humano, como a pintura, escultura, fundição, arte de entalhar e aos gregos abstraíram com sutileza os objetos que trabalharam em sua história.

Claramente Vico faz essa observação em relação aos gregos devido aos documentos históricos que relatam a expansão helena no mediterrâneo, o que evidencia em certo grau que o Egito elevou sua expressão devido ao domínio grego de suas terras. Um grande exemplo deste domínio, esta situada na cidade de Alexandria; fundada por Alexandre o grande. Esta cidade situada ao norte do Egito e estrategicamente construída a beira mar, foi porta de entrada para sabedoria grega, que mesclada à antiguidade sapiencial egípcia, proporcionou grande filósofos nas questões divinas e expressivos filósofos da Astronomia.

Essa expressiva elevação de sabedoria teve uma recepção de impacto nas cidades gregas e nas colônias helenas, tanto que já designavam Alexandria como uma *πόλις*, devido ao tamanho de sua excelência. O esplendor da escola de Astronomia alexandrina era de comparação a Academia, o Liceu, o Pórtico e o Cinosarco de Atenas. Congratulações dadas por Vico ao sumo pontífice egípcio Manethon<sup>12</sup> que mediante uma teologia natural, conduziu toda a história egípcia, tal como os gregos fizeram com os seus mitos, o que nos revela serem as suas antigas histórias. O processo dos mitos gregos é o mesmo processo que se dá com os hieróglifos egípcios.

<sup>10</sup> (? - 23 d.C) Historiador, Geógrafo e Filósofo grego. Escreveu um compêndio de livros acerca dos povos conhecidos até o seu tempo.

<sup>11</sup> (130 d.C-210 d.C) Medico e Filósofo romano de origem grega, foi considerado um dos maiores pesquisadores da medicina de seu tempo. Suas teses acerca da anatomia foram perpetuadas por quase um milênio.

<sup>12</sup> Historiador e sacerdote egípcio, que viveu aproximadamente no século II a.C.

Vico reconhece a “vaidade das nações”, um autêntico etnocentrismo quando analisa como os distintos povos se atribuem ter sido os primeiros na história da humanidade. Mas para Vico a história realmente vai surgir em Alexandria, a cidade fundada por Alexandre Magno junto ao mar, que unirá a agudez africana com a delicadeza grega, produzindo claríssimos filósofos. Mas a história em Vico não é uma sucessão de feitos cronológicos, dispostos um após o outro, sem que se trate de uma autêntica filosofia da humanidade, como considera Rossi. (BRAVO; 2003,p.46-47, tradução nossa).

Com tamanha sabedoria adquirida, a nação egípcia por sua natureza eloquente e vaidosa [possuindo assim o apelido de “*gloriae animalia*”], situada em uma cidade portuária e considerada o grande empório do mediterrâneo e favorecido pela rota do mar vermelho, caminho possível para a Índia e onde devido seus vitupérios costumes Tácito os chama de “*novarum religionum avida*”, por parte de certo preconceito de desmedida opinião de sua antiguidade, que erroneamente se vangloriavam serem acima de todas as nações do mundo, e através disso terem dominado parte do mundo, não possuíam conhecimento do modo como os gentios se articulavam, e sem saber entre si, que possuíam ideias uniformes acerca de deuses e heróis, possuía a crença que de sua nação surgiram todas as falsas divindades que pelas nações em torno e mediante a rota de comércio que foi, ouviam todo tipo de crença e que o seu Júpiter Amom [figuração de divindade] fosse o mais antigo entre eles, o que podemos perceber que cada nação teve seu Júpiter, e seu Hércules egípcio ser também o mais antigo entre eles, onde Tácito com sua sagacidade discorre sobre os Hércules das nações conhecidas num total de sessenta personagens. Por Diodoro Sículo<sup>13</sup> que viveu nos tempos do imperador Augusto, elogiou os egípcios com virtudes positivas e atribui sua história com a cronologia de dez mil anos; cronologia refutada por Jacques Cappel<sup>14</sup>, em sua obra *História sagrada egípcia*, onde analisa mediante a interpretação de Xenofonte que os

---

<sup>13</sup> (90 a.C- 30 a.C) Historiador grego que viveu onde hoje é a Sicília, na Itália.

<sup>14</sup> (1570-1624) Professor francês de Hebraico e Teologia.

analisou e concluiu seu tempo ser anterior a Ciro<sup>15</sup> e o que Platão pensava acerca dos persas.

O dubitável juízo acerca de uma longa antiguidade dos egípcios tem sua origem na propriedade do engenho da mente humana, onde o que não se sabe, pode ser claramente deformado em uso da fantasia da mente. Nesta situação, os egípcios foram iguais aos chineses que se elevaram a tal ponto, mesmo fechados e distantes das outras nações; assim como os egípcios o fizeram até o tempo de Psamético<sup>16</sup>, os Citas<sup>17</sup> até o rei Idantirso; e segundo Van Heurn eles foram reunidos por sua antiguidade. Seguindo a tradição vulgar, onde demonstra ter retirado à origem da História universal profana, e segundo Justino, que expõe como gênese dos princípios, anterior à monarquia dos Assírios dois poderosos reis, Tánais o cita e Sesóstris o egípcio, que demonstram o mundo ter sido mais antigo do que aparenta; relatando que Tánais cruza o oriente com um grande exército para guerrear com o Egito, sendo o Egito digno de louvor para com sua defesa, e sendo considerado quase impenetrável por armas, e em seguida, Sesóstris move ataques a Cítia como forma de contra ataque; lugar desconhecido para os persas, que estenderam sua monarquia até os povos da Medo Pérsia, seus vizinhos. Nos tempos de Dario, alcunhado como ‘grande’, declarou guerra ao rei Idantirso da Cítia; numa batalha em que o ponto alto se deu numa exagerada barbárie [início das guerras contra povos do oriente] no período humanista em que a Pérsia passava, onde seu rei lhes dá uma enigmática resposta representada por cinco objetos, pois não conseguiu escrever com hieróglifos. Os dois poderosos reis atravessaram com seus exércitos pela Ásia, onde não fizeram ambos os reis nenhuma província e deixaram-na livre, e logo após surgiu uma monarquia que se consagrou entre as mais famosas do mundo, que foi a monarquia da Assíria.

Dentre esses povos que disputam a legitimidade da antiguidade, temos os Caldeus, povo também mediterrâneo, e tendo sua antiguidade maior que os outros dois povos já mencionados; os caldeus se elogiavam por sua considerada força nas observações astronômicas há mais de quarenta mil anos segundo Cícero<sup>18</sup> no *De divinatione*. Motivado por essas observações cósmicas, Flávio Josefo, o hebreu,

---

<sup>15</sup>(559 a.C-530 a.C) Rei da Pérsia e pertencente a dinastia Aquemênidas. Comandou o maior império já visto até sua época.

<sup>16</sup> (690 a.C- 610 a.C) Faraó egípcio.

<sup>17</sup> Antigo povo que viveu onde hoje é o Irã. Eram nômades e equestres.

<sup>18</sup> (106 a.C- 43 a.C) Importante filósofo e político romano. Escreveu várias obras de teor filosófico e teológico, entre elas o *De natura deorum* (Sobre a natureza dos deuses) e o *De divinatione* (Sobre as divindades).

acreditou nessas observações que demarcaram as previsões diluvianas [o que nos faz crer que em todas as nações do médio oriente houve um tempo em que ocorrera um grande dilúvio] descritas assim em duas colunas, sendo uma de mármore e a outra de tijolos, construída em alusão aos dois dilúvios, sendo o de mármore vista por ele na Síria. Para Vico qual seria a necessidade dos povos antigos em conservar suas memórias, sabendo que em algum momento seriam subjulgados por outros povos, que poderiam ou não conservar as memórias dos povos feitos em subjulgo? Talvez seja a inclinação primordial que o ser humano desenvolveu e perpetuou além do corpo, a memória.

Assim decorreram os chineses que escreveram por ideogramas, os egípcios por hieróglifos, e os citas que não usavam nenhum tipo de escrita convencional. Esses povos por milhares de anos se fecharam e não mantiveram relações comerciais com nenhum outro povo que pudessem ter contado sobre a real antiguidade do mundo, o que fez essas nações a indagarem erroneamente sua cronologia. Para o jesuíta Michele di Ruggieri<sup>19</sup>, a quem Vico aponta certos erros de interpretação, afirmou ter lido livros impressos de tempos antes de Jesus Cristo; o que já foi comprovado não ter sido escrito pelo jesuíta em seu livro *Nuovi avisi del Giappone*. Para o também jesuíta Martino Martini<sup>20</sup> que relata em sua obra *História chinesa*, expôs que o filósofo Confúcio possuía uma antiguidade grandiosa, o que segundo a referência de Martin Shooock<sup>21</sup> levou muitos ao ateísmo. Na obra *Demonstratione Diluvii universalis*, em que Issac de La Peyrère<sup>22</sup> com sua obra *História pré-adâmica*, escreveu que o dilúvio tenha ocorrido somente aos hebreus, entretanto, para Nicolas Trigault<sup>23</sup>, segundo Vico, estaria mais bem munido de informação que Ruggieri e Martini, onde escreve na obra *Christiana expeditione apud Sinas* terem sido descobertas pelos chineses dois séculos antes dos europeus, a imprensa; e Confúcio ter no mínimo nascido a uns quinhentos anos antes de Cristo. A filosofia confuciana tal como os livros sacerdotais dos egípcios, segundo Vico, possui uma forma grosseira desajeitada para as partes das coisas naturais, segue

---

<sup>19</sup> (1543-1607) Linguista e missionário italiano, que esteve em missão pela companhia de Jesus na Índia e China.

<sup>20</sup> (1614-1661) Missionário jesuíta italiano que escreve sobre a China nos tempos em que participava de uma missão eclesiástica.

<sup>21</sup> (1614-1669) Filósofo holandês do período do racionalismo. Seus acervos de escritos somam cinquenta, entre eles o de maior polêmica foi *Admiranda methodus novae philosophiae Renati De Cartes*, que criticava a filosofia de Descartes.

<sup>22</sup> (1596-1676) Teólogo francês que fundamenta as hipóteses sobre a história antes de Adão.

<sup>23</sup> (1577-1628) Missionário francês que passou maior parte de sua vida em missão na China.

assim o modelo de uma única filosofia, a filosofia moral [tratada em provérbios]; o que atesta uma moral vulgar, baseada a esses povos mediante suas leis.

Essa reflexão sobre essas nações gentias em relação a sua antiquíssima história, e principalmente a dos egípcios, onde deveriam ser esta a nação a começar todo saber gentio, e para isso assimilar cientificamente o valor de tal pensamento. Em uma visão judaico-cristã da formação do mundo, inicia-se com o povo hebreu como o primeiro do mundo, e que Adão fora o primeiro homem, e que tudo foi criado por Deus. E a partir daí se tem a primeira ciência para nos revelar os primeiros passos do mundo, a mitologia; uma interpretação poética do surgimento do mundo, dos homens e da sabedoria humana; pois todas as histórias do mundo foram iniciadas com mitos e fábulas. Para Vico esse estudo da mitologia acrescentaria uma melhor compreensão dos princípios das nações e de suas ciências. As transformações que culminaram para o que se tem como concepção de mundo, ciência e afins, se dá na necessidade dos povos antigos em sobreviver em seu terreno, e à medida que se transformava o terreno sua reflexão eram melhoradas por homens particulares; para o autor é desse modo que se inicia o estudo da história universal.

Quando o objeto de estudo são as nações gentias, o grau de dificuldade é ainda maior, pois essas nações não tiveram socorro da revelação divina, que pudesse humaniza-las imediatamente, evitando tantos milhares de anos perdidos em meio ao isolamento ferino. A sociabilidade que fez parte dessa racionalidade passiva, tornou possível a preservação dos costumes bárbaros, de maneira que toda geração recebe da anterior um mundo mais humano. (GUIDO; 2004,p.74).

## 2.2 AS IDADES E AS NAÇÕES

Seguindo o caminho de nossa pesquisa, chegamos a um tópico que nos auxiliará na compreensão das teses sobre as três idades que Vico explorou em sua obra e as teses sobre o movimento histórico das nações. Como mencionado no início do primeiro tópico, o autor recorre ao método cronológico dos egípcios para demarcar o tempo anterior que a eles tenha decorrido; a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens. Juntamente a essa tríade cronológica, é identificado tanto em número com em

processo que são correspondentes, três línguas que se falaram entre esses três tempos; temos a primeira língua, que é a hieroglífica, ou seja, era manifestada por caracteres sagrados; a segunda, simbólica, ou por caracteres heroicos; e a terceira, a linguagem epistolar, ou por caracteres confeccionados em convenção pelos povos. O autor faz referência ao autor Scheffer<sup>24</sup>, sobre sua obra *De philosophia itálica*, da qual possuía passagens acerca de três idades.

Essa divisão dos tempos pode ser encontrada nos escritos de Varrão<sup>25</sup>, contemporâneo de Cícero, que devido a uma elevada erudição e um orgulho romano de se vangloriar de sua terra, propôs que a partir da nação romana, todas as coisas divinas e humanas foram oriundas das terras do Lácio; o que fez ele em sua obra *Rerum divinarum et humanarum*, obra essa que contava acerca das coisas desenvolvidas pelos latinos ao longo de sua existência, e como um saudosismo existente na época em relação aos gregos, pôs a acreditar até mesmo na fabula que conta que as leis das XII tabuas,<sup>26</sup> haviam chegado a Roma mediante as leis de Atenas; como se fosse uma “copia” melhorada ou até mesmo uma extensão dessas leis. E nesta obra também dividiu o tempo do mundo grego em três: O tempo obscuro, correspondente à idade dos deuses; o tempo fabuloso, correspondente à idade dos heróis, por ultimo o tempo histórico, correspondente à idade dos homens; tal como o modelo dos egípcios.

Pela tamanha memória conservada pelos egípcios, tal como observou Diodoro Sículo, que cada nação se considerou ser uma mais antiga que a outra, desse modo deu atenção a sua história e assim conservaram suas memórias desde o principio do mundo. Podemos observar que entre essas memórias, temos duas que se destaca, uma seria que o Júpiter Àmon era o mais velho do mundo, e a outra seria que os Hércules de todas as nações, teriam pegado o nome do Hércules egípcio. Assim, decorreu primeiro a idade dos deuses, onde se acreditava ser Júpiter; e depois a idade dos heróis, que pensavam ser filhos dos deuses, onde o maior se acreditou ser Hércules.

A idade dos deuses do Egito era caracterizada na figura do Mercúrio Trimegisto, ou o velho; e passando pela referência de Cícero no *De natura deorum*, fora chamado “Theut” pelos egípcios e depois aos gregos derivou-se em θεός, que trouxe as letras e as leis ao povo egípcio e assim, pois, levaram-nas por todo o mundo. Entretanto, aos gregos que não escreveram em hieróglifos, mas sim com letras vulgares, que levantam

<sup>24</sup> (1621-1679) Humanista sueco.

<sup>25</sup> (116 a.C- 27 a.C) Filósofo, Linguista e Historiador da Língua latina.

<sup>26</sup> Doze antigas leis que estão atreladas a origem do Direito romano.

hipóteses de terem sido levadas a Grécia por Cadmo da Fenícia, onde se possa identificar que não as usaram durante setecentos anos após esse fato. E durante esse período perpassa a existência de Homero, que em toda a sua obra não possui nomeações, ou seja, ele não os nomeia **νόμος**; e assim fica marcada a era de ouro dos rapsodos, os narradores poéticos que espalhavam a poesia homérica pelo mundo grego. Tendo em vista que as letras vulgares ainda não terem sido criadas, a oralidade era a principal forma de passagem de conhecimento, música e poesia pelos povos gregos.

Indaga Vico acerca das origens das leis e das nações, num jogo de argumentação pautada na seguinte pergunta: Como se dá as nações, sem suas leis postas, e encontrarem-se fundadas em organizações sociais, mesmo que primitivas? Neste percurso Vico esbarra com a questão da fala anteceder a escrita, de modo que compara a legislação de Esparta, onde Licurgo<sup>27</sup>, o legislador, proibia as leis de serem escritas, e apenas o falar das leis era permitido para uma maior expansão delas. De modo que poderia haver em teoria que as leis nos tempos antigos, fossem feitas oralmente e espalhados oralmente; caindo em Homero e os dois tipos de assembleia: a chamada **βουλή**, que era uma assembleia restrita aos aristocratas onde as leis eram deliberadas oralmente; e temos a **αγορά**, que era realizada em praça pública, onde também eram deliberadas as leis entre os aristocratas e o povo livre mediante a oralidade. Para o autor seria como se a providência divina<sup>28</sup> tivesse enriquecido ou não trabalhado esta questão humana em que as nações se veem, de mediante a falta das letras, e por sua barbárie, fundassem primeiro seus costumes, e feito isso, com sua civilização já formada pudessem se governar mediante as leis. A exemplo desta barbárie, o autor utiliza da barbárie regressada<sup>29</sup>, onde os primeiros povos/nações da Europa [Esta análise cabe em toda a História dos povos do mundo; é necessário que se tenha bem claro os processos históricos de cada nação], onde que dentro do processo da história recente, o mais antigo seja o período feudal. Devido seu caráter de um “recomeço” dos períodos históricos, são nos feudos que as primeiras fontes de um “atualizado” Direito, que após certo tempo se espalhou para as demais nações gentias. Entretanto os direitos que a esses povos possuíram, não eram pautados em leis, mas sim em costumes humanos.

<sup>27</sup> Lendário legislador de Esparta. É mencionado por Heródoto nas obras sobre a História da Grécia, mas não se sabe da verossimilhança de sua existência.

<sup>28</sup> Grosso modo, é a disposição em que Deus opera as ações dos homens ao Longo da História.

<sup>29</sup> Vico trabalhará a questão da barbárie regressada no livro V da *Scienza Nuova*. A explicação que temos aqui é mais uma exposição superficial sobre o conceito a qual o autor dedica uma parte da obra para a fundamentação do conceito na tese.

A partir do posicionamento cronológico da religião cristã em relação a Moisés, que poderia ele não ter aprendido um modelo teológico com os egípcios, e assim tê-lo incorporado a teologia hebraica, pois para os doutos da religião cristã, Moisés é situado de acordo com a cronologia, tempos posteriores a Mercúrio Trimegisto. Este posicionamento cristão pode ser combatido segundo trecho na obra de Iâmblico<sup>30</sup>, *De mysteriis aegyptiorum*, que Vico utiliza para argumentar esse posicionamento da cristandade. O trecho decorre que os egípcios no seu tempo antiquíssimo relacionavam dialeticamente suas descobertas e criações com Mercúrio Trimegisto. O que tudo indica que esse Mercúrio não era uma figura humana, mas sim, a figura poética de outrora formada pelos primeiros sábios do Egito. Portanto, para que esse Trimegisto seja o deus egípcio, seria necessário que ele transcorresse todas as três idades propostas pelos egípcios.

De acordo com as fábulas/mitos que há tempos foram usados em sua cronologia, na idade dos deuses da Grécia, percebemos um tempo em que deuses e homens conviviam juntos na terra. Esses deuses que a muito por serem provenientes de fábulas determinadas ocasiões ou em sentido utilitário, o que revela várias religiões; e nos tempos primitivos os homens davam vida as divindades mediante as expressões da natureza, como os raios, o fogo, a chuva e etc; por meio de onomatopeias adquiridos pelo som desse fenômeno. E seguindo àquela referência dos doze deuses gentios que foram chamados maiores, onde eram adorados pelos homens nos tempos das famílias, e assim formando-se doze épocas [idades] que delimita a uma cronologia em reflexo a história poética marcando a duração de quinhentos anos no período da idade dos deuses, o que revela os inícios da história profana.

Partindo ainda do mito e das fábulas, da linhagem de Prometeu<sup>31</sup> que roubou o fogo dos deuses e entregou aos homens, seu neto Heleno, mediante seu filho espalha três dialetos no território grego. A partir de Heleno os gregos nativos foram chamados de helenos. Entretanto os gregos que migraram para a Itália eram chamados de *graii* tendo sua terra chamada de *Graikia*, e que para os latinos foram chamados de *Graeci*. Ficaram cientes os gregos da Itália acerca do nome principal da Grécia devido sua migração para a Itália, pois não se encontra em nenhuma obra grega esta palavra.

---

<sup>30</sup> (245 d.C- 325 d.C) Filósofo neoplatônico sírio, que mediante o fascínio pela tradição pitagórica desenvolveu várias obras.

<sup>31</sup> Titã filho de Jápeto, a quem Vico designa poeticamente como um bestione, ou um gigante.

Enquanto isso Cécrops<sup>32</sup> o egípcio, estabelece doze colônias na Ática, e logo depois uma dessas colônias mediante a força de Teseu forma a cidade de Atenas. Entretanto, segundo Estrabão, a Ática por suas terras improdutivas não poderia abrigar imigrantes, para usar essa hipótese como verídica ao relatar que o dialeto ático é o mais antigo, ou o primeiro entre as outras cidades gregas. Simultaneamente o fenício Cadmo funda a cidade de Tebas, e não obstante leva as letras fenícias para a Grécia, as chamadas letras vulgares. Sua primeira parada em território grego é a Beócia, que possuía fama por letrada e engenhosa desde sua fundação; porém, fez-se surgir também segundo Vico, mentes de tamanha estupidez que transformou o significado do termo “beócio” para os que possuíam a mente estúpida.

Passando para a idade dos deuses do Lácio, que é correspondente a idade de ouro dos Gregos, temos um dos deuses primordiais, Saturno. Com base na mitologia se pode comprovar ser o trigo o primeiro ouro e moeda de troca entre os povos do Lácio. Esses povos usavam a partir da colheita certa quantidade de grãos para demarcar sua ordem de tempo. Da palavra “*satis*” que significa sementeira, fora chamado Saturno, que para os gregos possuía o nome de *χρόνος*, que é o tempo, e de onde temos extraído do seu termo a palavra cronologia.

Caminhando para idade dos heróis do Egito, onde temos a figura do Mercúrio Trimegisto, ou o jovem, que é caracterizado poeticamente. Para os gregos este período se iniciou após novecentos anos, caracterizado na idade dos deuses. Para os egípcios este período passou durante o tempo de um pai, um filho e um neto, ou seja, três gerações que somam um século. Vico percebe um anacronismo na história egípcia semelhante à história assíria na figura de Zoroastro<sup>33</sup>. Como é característica da idade dos heróis, temos as batalhas entre as nações e as deposições dos reis. O exemplo disso, temos Dánão; o rei egípcio que expulsa os ináquidas do reino de Argo, que eram chamados assim por serem nove reis da casa de Inaco. Entretanto para a regra dos cronologistas, deveria ter ocorrido há trezentos anos, tal os quinhentos pelos quatorzes que reinaram em Alba. Segundo Tucídides, nesses tempos heroicos os reinados eram trocados todos os dias; a exemplo o rei Amúlio que expulsa Numitor do reino de Alba, em seguida Rômulo expulsa Amúlio e repõe Numitor. Aos gregos a idade dos heróis

---

<sup>32</sup> Pela mitologia foi um rei grego nascido da própria Terra, tendo como mãe Gaia. Entretanto vários historiadores questionam sua nacionalidade. Acima foi dito que era egípcio devido à interpretação usada pelo Historiador Estrabão.

<sup>33</sup> A figura de Zoroastro em relação à Assíria tem como semelhança o contexto acerca de Homero a qual mencionamos no início do capítulo.

teve seu início com a expansão dos filhos de Hércules, ou seja, os Heraclidas. Espalharam-se pela Grécia e suas colônias, alcançando a Ásia e formando reinos sacerdotais.

Quanto à terceira idade, a dos homens, ou idade da razão, é toda explicada como momento áureo. Entretanto, Vico contestava também da crescente no pensamento científico e o declínio da poesia, imaginação e de substratos que as compõe, o podemos concordar com esta seguinte afirmação: "[...] a história cíclica alerta para a fragilidade da idade dos homens, daqueles momentos felizes nos quais a igualdade social é respeitada com a justiça das leis humana [...]"(GUIDO; 2004, p.74). Seu pensamento possuía um diferencial extenso frente ao pensamento dos iluministas, que consideravam as primeiras eras como tempos de "trevas" e insensatez. Em uma posição considerada até por ele mesmo de um "semi-relativista", havia sugerido que alguns costumes eram universais como sepultamentos, os matrimônios e cultos religiosos, Vico negava que entre as três idades pudessem ter uma que sobressaísse frente à outra, de modo que em todo "*corso*" da história sempre há pontos bons e maus que ao mesmo tempo os julgavam de acordo com uma escala de valores.

Na descrição das três idades há uma dinâmica que se assemelha ou definitivamente se consolida como um "ciclo", de modo que forma uma sequência necessária que é encontrada em diferentes partes do mundo e em diferentes povos e possui uma função em tal sequência, que recebe o nome de "*corso*" e é seguida pelo "*ricorso*" formando um ciclo de eras, onde sempre haverá o retorno de tempos, sejam eles bons ou maus heroicos ou desonrosos, poéticos ou insanos.

A questão de a história ser considerada um "ciclo" não partiu integralmente de Vico. Já na Grécia e Roma, essa percepção de modo prematura era elaborada. A título de exemplo, o historiador grego que relata a ascensão romana, chamado Políbio<sup>34</sup>, sugeriu a monarquia que seguisse seu caminho naturalmente, e que dessa forma passaria de monarquia a aristocracia, e de aristocracia a democracia, e no momento de declínio de tal democracia, a monarquia retornaria ao modo de governo.

---

<sup>34</sup> (220 a.c-118 a.c) Historiador Grego que a partir de seu escrito chamado de "Histórias" narrou todo o processo de ascensão do império romano até sua época, não obstante procurou narrar a história da maioria dos reinos do mediterrâneo.

### 3. O PROBLEMA DA ORIGEM DAS LÍNGUAS E DAS LETRAS

Neste capítulo trabalharemos sobre a filologia e as suas características nos processos históricos advindos do primeiro capítulo e também uma reflexão sobre alguns dos problemas enfrentados pelos autores modernos sobre essa questão.

#### 3.1 PERCURSOS FILOLÓGICOS

Vico retoma por meio de pesquisas à questão das línguas e das letras como um ponto de partida na compreensão dos termos das três idades. Primeiramente, o autor procura exprimir de modo [teológico] às bases das origens das línguas e das letras, que segundo ele até sua época havia gerado embates e discussões. Para o autor, a dificuldade em dialogar com tal questão tem como objeto a importância que os doutos que o antecederam deram em considerar como assuntos separados as origens das línguas e das letras, que interligadas por natureza a elas se tem uma “história única”. Fez-se necessário a partir de duas palavras “gramática” e “caracteres” o ponto de partida para que filólogos e filósofos iniciassem suas pesquisas. Temos na primeira palavra “gramática” como a “arte de falar” e que posteriormente derivada seria *γραμματα*, que são as letras, assim a significando como “arte de escrever” tal como Aristóteles a definiu e como será apresentado pelo autor, que todas as nações começaram a falar mediante a escrita [Como os hieróglifos que são imagens e que coincide com toda nação ter falado na sua primeira barbárie] e assim aquelas que falaram primeiramente mudas. Posteriormente, temos “caracteres” que significa “ideias”, “formas”, “modelos”.

Os historiadores da linguagem tendem frequentemente a esquecer que a assim chamada “hipótese pagã” ou epicurístico-lucreciana de uma gênese espontânea, fisiológica, das diversas línguas está inserida organicamente num discurso mais amplo que se refere à formação da Terra, à origem da vida, ao nascimento do gênero humano. (ROSSI; 1992,p.241).

Ultrapassando a isso, se essas letras possuísem formas dos sons articulados e não signos de pacto [não representassem meros signos convencionais deixando de lado a ligação caracter alfabético e o som representado] deveriam ser iguais em todas as

nações, tal como os sons são iguais em todas as outras. Portanto, por ser quase desesperador o trabalho com essa matéria, infelizmente não se conheceu o pensamento das primeiras nações por caracteres poéticos, nem as fábulas, nem o escrever por hieróglifos. Pois por seus princípios, e por sua natureza será certíssimos tanto para a filosofia das ideias humanas, quanto para a filologia das palavras humanas.

Nesta reflexão será exposto uma articulação acerca das diversas opiniões em relação ao referido tema, que de tamanha dificuldade nos proporcionaram opiniões presunçosas e ridículas que em certa parte deixaremos de exprimir. Inicia-se assim: que nos tempos bárbaros regressados, em que a Escandinávia por presunção das nações, foi considerada como “vagina gentium” [mãe dos gentios] acreditando ser ela a matriarca de todas as línguas do mundo, pela presunção dos doutos Johan e Olof Magnos<sup>35</sup> que propuseram que os godos teriam conservado as letras desde o princípio do mundo, divinamente descobertas por Adão; a essa proposição vários doutos não deram atenção á teoria. Seguindo as referencias dos doutos acima, o filólogo holandês J. Von Gorp Becan (1512-1578) superou-lhes e fazendo a língua cimbria<sup>36</sup> sua teoria, língua essa que não se distancia da saxônica, dizendo ser ela a mãe de todas as outras [remetendo-se a partir da língua cimbria, numa tese pan-goticista<sup>37</sup>]; opinião esta que fizeram fábulas os autores Giuseppe Giusto Scaligero, Johan Camerarius, Christoph Becoman e Martin Schook. E tal presunção inspirou Olaf Rudbeck, na obra Atlântica, que propõe terem as letras gregas nascido das runas, e que estas seriam as letras fenícias invertidas, que Cadmo recompusera a ordem e ao som similar às hebraicas, e os gregos teriam restituído-as com régua e compasso; vendo que o descobridor [godo] é chamado de Merkißam, pressupõe que o Mercúrio que descobriu as letras para os egípcios seja também go do.

Partindo dos princípios de conceberem os primeiros homens gentios suas ideias mediante caracteres de substancias animadas, e como eram mudos, de exprimirem com ações ou objetos que possuíssem relações naturais com as ideias [como por exemplo, o ato de ceifar três vezes ou três espigas para significar três anos], de modo que

---

<sup>35</sup> Johan Magnos (1488-1544) arcebispo de Upsala escreveu o *Gothorum Sueonumque historia*; e seu irmão Olof Magnos (? -1568) escreveu *De gentium septentrionalium variis conditionibus*.

<sup>36</sup> Idioma falado pelos povos da “península cimbria”, onde hoje é a Dinamarca. Foi um reino nórdico, cujo algumas teses filológicas propunham ser esse idioma um dos idiomas da fundação da linguagem dos povos gentios.

<sup>37</sup> Tese de união das línguas góticas, ou seja, dos antigos godos. Essa tese foi proposta pelo filólogo holandês Becan na obra *Origines Antverpianne* (Antuérpia, 1569).

exprimissem uma língua que significassem naturalmente, tal como Platão e Lâmbico no Crátilo diziam ter sido falado uma vez no mundo. [Vico deduz que essa língua poderia ter sido falada na afundada Atlântida]. Assim, pois, Vico adverte sobre a necessidade da pesquisa dos dois temas de modo que por terem suas naturezas conjugadas, foram pesquisadas por filólogos e filósofos separadamente, o que dificultou em demasia um possível trabalho de pesquisa na origem das letras, e que por sua dificuldade tal como as origens das línguas, ocuparam-se pouco ou quase nada.

“Lógica” provem da palavra *λόγος*, que primeiro e propriamente significou “*fábula*”, que se transpôs para o italiano “*favella*” – e a fábula dos Gregos foi dita também *μῦθος*, donde provem para os Latinos “*mutus*”, –, a qual, nos tempos mudos nasceu mental, pois num trecho de ouro diz Estrabão ter existido antes do vocal, ou seja, da articulada: donde *λόγος* significa tanto “*ideia*” quanto “*palavra*”. (Vico; 2005, p. 235).

Na definição do princípio racional do tema proposto, estabelecemo-nos no princípio das dignidades filológicas propostas por Vico. Dignidades essas retratadas no mundo egípcio, que assim, pois, durante todo o passar de suas eras, haviam sido faladas três línguas, correspondentes ao número das três idades também passadas anteriormente ao seu mundo: idade dos deuses, idade dos heróis, idade da razão [homens]. Diziam sobre essas idades que paulatinamente falaram línguas diversas, sendo a primeira língua correspondente à primeira idade, a língua hieroglífica, ou seja, sagrada; a segunda, simbólica, ou por signos, ou seja, por divisas heroicas; a terceira seria a língua epistolar, que para os afastados entre si, tanto governos quanto civis, comunicarem os correntes anseios da vida.

Comparando aos egípcios, Vico identifica as três línguas em dois trechos de Homero, na *Iliada*, o que vêm os egípcios a concordar com os gregos. Um dos trechos na exposição indireta de Homero sobre as três línguas, relata que Nestor vivenciou três vidas de homem de várias línguas [ou poderia ter falado várias línguas de três nações diferentes]. Podendo assim construir que Nestor devia ter sido um caráter heroico da cronologia constituída assim pelas três línguas que correspondem às três idades dos egípcios; vendo que o “viver os anos de Nestor” deve ter o mesmo significado que

“viver os anos do mundo”. Outro trecho segue-se quando Eneias conta a Aquiles que homens se mudaram para Ilíon, depois de Troia ter sido transferida para a orla marítima e Pérgamo se tornando a cidadela. Com esse princípio, Vico chega a uma conclusão inicial que a tradição, também dos egípcios, mostra Theut ou Mercúrio descobridor tanto das leis quanto das letras.

Este é o Mercúrio que, segundo a referência de Cícero, em *De natura deorum*, foi chamado pelos egípcios “Theut” (do qual, para os Gregos, veio a derivar θεός), que inventou as letras e as leis para os egípcios, e estes (para Marsham) tê-las-iam ensinado às outras nações do mundo. (Vico; 2005, p. 67).

A este início de uma análise filológica das nações, com tais afirmações podemos associar a interpretação de Vico, que entre os gregos, os “*nomes*” teriam o mesmo significado que “*caracteres*”, dos quais os patronos da igreja católica tomaram com uso promíscuo estas duas expressões, na posição quando refletem “*de divinis characteribus*” [sobre os caracteres divinos] e “*de divinis nominibus*” [sobre os nomes divinos]. E “*nomen*” e “*definitio*” [definição] possuem o mesmo significado, que no estudo da retórica eclesiástica, se diz “*quaestio nominis*” [questão nominal ou nome em questão], que como a mesma, busca-se a definição de fato. Para os romanos os “*nomes*” tinham o significado primeiramente de “*casas ramificadas em muitas famílias*”. Já os primeiros gregos havia também a ideia de nome com esse mesmo significado romano, demonstrando os patronímicos, que tem o significado “*nomes dos pais*”, que utilizam os poetas em seus enredos, mais entre eles, Homero que tal como os patrícios romanos são nomeados por um tribuno da plebe, e que segundo Tito Lívio, “*qui possunt nomine ciere patrem*” [que podem usar o apelido dos seus pais], patronímicos que se perderam na liberdade popular da Grécia, porém, foram conservados pelos Heraclidas em Esparta, numa república aristocrática. No direito romano “*nomen*” tem o significado de “*direito*” [como coisas civis; ou direito de crédito ou de devedor do estado]. Por seu ser semelhante entre os gregos, a palavra νόμος significa “*lei*”, e dessa palavra deriva-se em νόμισμα, como Aristóteles adverte [na *Ética a Nicômaco*] que quer dizer “*moeda*”; para os etimologistas, sua definição de νόμος venha para os latinos como “*numus*”. Entre os franceses, a palavra “*loy*” significa “*lei*” e “*aloy*” significa moeda; aos bárbaros retornados denominou-se

‘*cânone*’ assim como na lei eclesiástica aquilo que si é pago pelo enfiteuta ao dono da propriedade que lhe foi dado por enfiteuse [ou seja, transmitida por herança].

Uma relação de pensamento que Vico expõe acerca dos latinos revela que talvez eles denominassem ‘*ius*’ o direito e as gorduras das ‘*vítimas*’ em ofertas a Júpiter, que a princípio denominou-se ‘*Ious*’ e posteriormente derivam-se genitivos ‘*Iouvis*’ e ‘*iuris*’; assim como entre os Hebreus, que as três partes que compunham a hóstia pacífica, a gordura destinava-se a D’us, como oferta se queimava sobre o altar. A palavra ‘*praedia*’ [fazendas] chamada pelos latinos, que foi denominada aos primeiros rústicos diferentes dos urbanos, sendo que as primeiras terras em que houve cultivo foram os primeiros prédios [fazendas] do mundo; sendo assim, o primeiro domínio como ‘*propriedade*’ que denominados pelo antigo direito romano como ‘*manuceptae*’ [provendo dessa ‘*manceps*’ a obrigação do erário em bem imóveis] tornando-se as leis de ‘*iura praediorum*’ [direito de divisa ou leis de divisa] para servidões consideradas ‘*reais*’, que se consolidaram em bem imóveis.

As terras denominadas ‘*manuceptae*’ devem ter sido denominadas ‘*mancipia*’ partindo da lei das XII Tábuas romanas no ponto ‘*qui nexum faciet mancipiumque*’ [quem fizer a entrega do vínculo, também com aquela entregará o poder]; percebendo assim, tal como os latinos, os italianos chamaram ‘*potere*’, significando seus bens adquiridos pela força. Pela similitude, ficamos em certa parte convencidos que os bárbaros retornados denominaram ‘*presas terrarum*’ seus campos com seus termos; já os espanhóis chamam ‘*prendas*’ às divisas fortes; para os italianos era denominada ‘*imprese*’ às armas dos nobres e dizem ‘*termini*’ para os significados das palavras e às armas nobres chamam igualmente ‘*insegne*’, donde provém o mesmo verbo ‘*insegnare*’.

Portanto, com esse percurso filológico apresentado por Vico, se culmina em três verdades: a primeira, que demonstra terem sido mudas em seu princípio todas as nações gentias, sua primeira língua foi falada de forma imagética, através de atos ou objetos que possuíssem relações naturais com suas ideias; a segunda, mediante signos, tendo assegurados os limites dos seus poderes e possuindo testemunhos perpétuos dos seus direitos; a terceira comprova-se que em todas as nações usavam moedas. Essas verdades nos darão com o processo histórico, as origens das línguas e das letras, e mais adiante, os hieróglifos, das leis, dos nomes, das divisões nobres, das moedas e da língua escrita, com a qual foram falados e escritos os primeiros embates do direito natural dos gentios.

### 3.2 AS LÍNGUAS E AS LETRAS NAS TRÊS IDADES

Para reforçar a conclusão acerca das origens das línguas e das letras, bem como a sua relação cronológica com as três idades, Vico ressalva um importante embate entre alguns fantasiosos linguistas e historiadores que opinavam serem os filósofos os criadores dos hieróglifos, com a finalidade de ocultar os conhecimentos filosóficos assim como os egípcios que os usavam para resguardar a sabedoria do povo egípcio. E seguindo esse percurso e ressaltando que no início das nações o falar delas era caracterizado por hieróglifos, ou seja, baseada em imagens como ditas nos parágrafos anteriores. Para complementar tal ideia temos o exemplo dos Etíopes, que usavam de hieróglifos para demarcar suas ferramentas para tarefas de manufatura.

Neste caminho temos no oriente os caldeus, que a partir da escrita e linguagem cuneiforme se desenvolveram. Enquanto isso para os povos citas, com a figura do rei Idantirso, que tal como exemplificamos no primeiro capítulo, com o uso figurativo da linguagem disse ao rei egípcio numa batalha cinco enigmáticas palavras, da qual as disse também no confronto contra o rei Dario. Essas palavras são: uma rã, um rato, um pássaro, um dente de arado e um arco de assestar. A rã tinha o significado que ele era nascido daquela terra, e tal como as rãs que saem da terra nos climas úmidos, ele era filho daquela terra. O rato significava que assim como o rato faz seu ninho em sua terra, ele fundou seu povo. O pássaro possuía um significado religioso, eram os auspícios, ou seja, o rei não era submetido a nenhum homem, apenas aos deuses. Ao arado temos um significado rural, onde era exposto ele ter feito das terras da Cítia cultiváveis e então tê-las tomado pela força. E por ultimo o arco de assestar, que significa ele ter um vasto império com grande poderio militar, tendo ele a missão de defender seu império. Aos povos latinos, não se tem evidência de uma escrita hieroglífica, entretanto por caracteres heroicos falados, temos o exemplo da resposta que o rei Tarquínio envia ao filho, Gabes, quando vê o mensageiro ceifando vários botões de papoulas com sua faca pequena que tinha nas mãos, ou seja, este tipo de mensagem teve como significado a questão da confiança nos exércitos em suas batalhas.

Dito também Sanconíaton, chamado “o histórico da verdade” (segundo referência de Clemente de

Alexandria, nos *Stromati*), que escreveu em caracteres vulgares a história fenícia, enquanto os egípcios e os citas, como já vimos, escreveram por hieróglifos, como se comprova que escreveram até os dias de hoje os chineses, que se gabam, não menos que os egípcios e os citas, de monstruosa antiguidade, porque no escuro de seu fechamento, não convivendo com outras nações, não viram a verdadeira luz dos tempos. E Sanconíaton escreveu em caracteres fenícios vulgares, enquanto as letras vulgares não tinham sido ainda inventadas entre os gregos, como acima disse. (Vico; 2005, p. 79).

Regressando as três idades dos egípcios, e explorando a primeira idade, que é a dos deuses, e fazendo relação com a idade dos deuses gregos, percebe-se um falar mais antigo que essa língua heroica, chamando-a de língua dos deuses. Vico encontra trechos na *Iliada* que comprovam tal indagação. O primeiro é identificado com a palavra ‘*Briareu*’, dita pelos deuses, e ‘*Egéon*’, dita pelos homens. O segundo em que se refere a um pássaro que os deuses chamam-no de **χαλκίδα**, e os homens o chamam de **κύνιδι**. O terceiro onde um rio de Tróia em que os deuses o chamam ‘*Xanto*’, e os homens o chamam de ‘*Escamandro*’. Já na *Odisseia*, Vico identifica apenas dois trechos; um a que os deuses chamam **πλαγκτάς πέτρας** e os homens dizem ‘*Cila e Caribidis*’.

O segundo modo de falar dos povos, corresponde à idade dos heróis, ou seja, eram falados por símbolos e a esses se reduziram as divisas heroicas, tal como Homero designa os signos com que escrevia os heróis, **οήματα**. O que pode identificar esses signos culminarem em metáforas, imagens, ou semelhanças, e depois com o advento da língua articulada se fez instrumento do falar poético. Entre os gregos temos Homero considerado como o primeiro autor da gentildade, devido ao não conhecimento de nenhum autor gentil antes dele. Aos latinos temos os fragmentos dos *Carmina Saliari*, e o primeiro poeta do Lácio que se tem como ponto de partida é Lívio Andrônico\*. E no percurso da barbárie retornada, outras línguas surgiram, a primeira, o espanhol, que era chamada de ‘de romance’, conotação usada de poesia heroica, ou seja, nesta barbárie regressada os romancistas são os poetas heroicos deste tempo. Na França, o primeiro

escritor vulgar foi Arnaut Daniel, cuja escrita era no francês provençal no século XI; na Itália temos os rimadores que faziam suas rimas nos dialetos florentinos e sicilianos.

O terceiro modo de falar dos egípcios, ou o falar epistolar, tem sua base de pesquisa na conveniência de expressar o cotidiano comum dos “afastados” e seu nascimento permeia do vulgo de um principal reino do Egito, Tebas, onde seu rei Ramsés expandiu seu império por toda nação egípcia. Esse modo epistolar de fala é correspondente à idade dos homens, e assim se designavam os plebeus dos povos heroicos, por diversificação em relação aos heróis de seu tempo. E também pode ter provindo de uma convenção dos povos, e àquela máxima de que todos os homens tem o direito de falar e escrever por caracteres vulgares. Como o imperador Cláudio\* que descobrindo três outras letras que eram necessárias para a língua latina, entretanto o povo não as quisera devido à tentativa do imperador de incorporar as letras sofisticadas às letras vulgares.

Os falares epistolares dos egípcios foram concebidos inteiramente com letras vulgares que possuem semelhanças às letras vulgares fenícias, como se houvesse necessidade de receberem suas letras de outros povos. Aos que pesquisaram sobre os egípcios terem sido os primeiros povos descobridores de todas as coisas gentílicas, segundo Vico devem refletir que os egípcios ensinaram aos fenícios. Segundo Clemente de Alexandria, as primeiras letras vulgares foram escritas pelos fenícios, mais precisamente por Sanconiáton, que ao escrever a história fenícia, introduz caracteres vulgares nos escritos; tal questão é comprovada quando investigamos e temos o relato de que os fenícios foram os primeiros povos mercadores, com suas navegações no mar mediterrâneo e seus tráficos de mercadorias com o Egito, talvez seja por essa razão que vários autores defendem que os fenícios levaram suas letras vulgares aos egípcios. Não obstante confirmado tal reflexão, podemos crer também segundo a tradição histórica, que os fenícios levaram as letras vulgares à Grécia, algo que o historiador Tácito reflete que as levaram identificadas como descobertas, compreendendo que essas letras foram descobertas por outros, assim entendendo os hieróglifos egípcios.

Para Vico a questão de uma tradição vulgar também possui seu valor, e assim fatos históricos foram comprovados mediante escritos vulgares deixados pelos povos, podemos crer, portanto que há um grau de verdade nesta reflexão e assim compreender as questões das letras vulgares fenícias na Grécia. Se os caracteres egípcios foram levados à Grécia pelos fenícios, e esses caracteres podem ser representados por caracteres matemáticos ou formas geométricas que outrora receberam dos caldeus, que

foram os primeiros matemáticos e astrônomos das nações, e com a figura de Zoroastro que possui em seu nome o significado de sua missão, onde da palavra Zoroastro significa ‘observador dos astros’, temos o primeiro sábio da gentildade, e sua ligação aos povos vulgares está nos caracteres numerais nas mercadorias dos caldeus, que tempos depois estavam no cotidiano dos fenícios, e a partir delas chegaram à Grécia tempos antes de Homero, povos fenícios que habitavam os litorais gregos. Esses caracteres tal como foi dito, se espalharam pelas nações mediterrâneas e com um grau de desenvolvimento transportavam entre si formas geométricas e a partir delas converteram-se em sons articulados, que tomaram formas de letras vulgares a muito acolhida pelos latinos. Uma prova de elevado grau nos mostra que aos gregos durante muito tempo, e chegando até aos últimos períodos latinos, usufruíram de letras maiúsculas para determinar as numerações; do que podemos refletir terem sido os latinos colônias gregas de outrora, e sendo assim herdeiros de tradições helênicas.

Mas, acerca dos caldeus, os mesmo filólogos, perturbados pelas várias tradições vulgares que deles recolheram, não sabem se eles teriam sido primeiro homens particulares, famílias inteiras, ou todo um povo ou nação. Duvidas essas que se resolveram todas com estes princípios: que primeiro foram homens particulares, depois famílias inteiras, em seguida todo um povo e, finalmente, uma grande nação, sobre a qual se fundou a monarquia Assíria; e o seu saber foi, primeiro, em divindade vulgar (com a qual adivinhavam o futuro pelo trajeto das estrelas cadentes à noite) e, depois, na astrologia judiciária, pelo que entre os latinos o astrólogo judiciário permaneceu designado ‘*chaldaeus*’.

(Vico; 2005, p. 64).

Sendo a língua heroica, ou seja, falada mediante caracteres poéticos e fundada por heróis, a língua chamada vulgar foi fundada pelo vulgo, que seriam as plebes destes ditos povos dos tempos heroicos; aos latinos os vulgos juntamente com sua língua, ou melhor, os falares dos vulgos, eram assim chamados de ‘*vernaculae*’, que aos vulgos como designação, eram chamados de ‘*vernae*’; esses vulgos e seu significado estavam

execrados na nomeação aos servos que nasciam nas casas dos escravos que eram feitos nas guerras, que a partir do convívio com seus senhores, aprendiam suas línguas e seus costumes. Para além desta comprovação, e para melhor compreensão de tal reflexão. É válido ressaltar que os primeiros vulgos em sua definição ‘*vernae*’, foram os ditos fâmulos dos heróis no período das famílias, em que tempos depois se formaram os vulgos dos primeiros plebeus das cidades heroicas.

Entretanto nos estudos filológicos sobre as línguas vulgares, a tradição filológica reconhece que elas foram formadas mediante a convenção de cada povo, pois suas origens sendo naturais, a sua significação segue o fluxo natural, ou seja, as línguas vulgares derivam-se das línguas poéticas, que são expressas a partir de seus corpos, compondo imagens, sendo resultado do uso da fantasia [imaginação]. Em comparação às línguas vulgares gregas e latinas Vico observa a língua vulgar latina ser mais heroica que a língua vulgar grega, devido a sua robustez, enquanto a língua vulgar grega possuir um teor mais delicado, pois formou a maioria das palavras conhecidas mediante transliterações e metáforas, por sons ou propriedades naturais, o que nos mostra ser a metáfora pilar de todas as línguas das nações gentias. Elas se divergem e nos faz acreditar segundo o autor, que a convenção da fala precedeu o falar por metáforas, o que fez tendermos mais as reflexões de Aristóteles sobre as falas poéticas, segundo ele, “São as seguintes as partes da linguagem: letra, sílaba, conectivo, articulação, nome verbo, artigo, flexão e frase” (Aristóteles; 2004, p. 61), e deixamos de lado [em certo ponto] o que Platão reflete sobre o pacto da linguagem no *Crátilo*<sup>38</sup>.

Esta mesma dignidade é o princípio do falar natural que Platão, no *Crátilo*, e depois dele, Iâmblico, *De mysteriis aegyptiorum*, conjecturaram ter-se uma vez falado no mundo. Com os quais estão os estoicos e Orígenes, contra Celso; e, porque o disseram adivinhando, opuseram-lhe a Aristóteles, na *Peri emeneia* e Galeno, *De decretis Hippocratis e Platonis*: disputa acerca da qual reflete Públio Nigídio, segundo Aulo Gélcio. Fala natural á qual deve ter sucedido a locução poética por imagens,

---

<sup>38</sup> 425 d e 438 d.

semelhanças, comparações e propriedades naturais. (Vico; 2005, p.137-138).

Giambattista Vico indaga a respeito das diversas línguas vulgares existentes no mundo; como elas se desenvolveram a ponto de serem diversas entre si? Na busca de resposta para tal questão, o autor reflete que o clima vigente em cada região intervém para o desenvolvimento das línguas, costumes e necessidades sejam únicos àquela região, fazendo que suas línguas sejam diferentes entre os demais povos. O que se pode confirmar que os provérbios são os axiomas que guiam o convívio humano, são expressas de modo bem diversificadas entre as nações, mas que carregam o mesmo sentido de aprendizado.

É necessário que exista na natureza das coisas humanas uma língua mental comum a todas as nações, que compreenda uniformemente a substância das coisas factíveis na vida humana social, e a explique nas muitas diferentes modificações e nos vários diferentes aspectos que essas coisas possam apresentar; tal como verificamos ser isso verdadeiro nos provérbios, que são máximas de sabedoria vulgar, e são substancialmente escutadas as mesmas em todas as nações antigas e modernas, expressas de formas tão diferentes, por muitas que elas sejam. (Vico; 2005, p.118).

Assim, pois, este sentido da língua vulgar mediante origem heroica, e por meio de uma conservação significativa do sentido heroico nas línguas vulgares, se confronta e causa certo receio aos pesquisadores da história sagrada; quando se tem o relato de reis, seus nomes tomam formas diferentes na leitura eclesiástica e na leitura profana. Essa forma diferente de tratamento entre eclesiásticos e profanos, possui relação ao modo como cada vê à figura do rei, neste caso; aos eclesiásticos a visão do rei tem a imponência do poder, a aparência de liderança, por essa razão seu nome é escrito de uma forma diferente pelos eclesiásticos; do outro lado temos a escrita profana, que ao ver o rei, o chama por um nome ligado ao homem em si, e ligando tal nome aos costumes e feitos da figura real.

Também podemos perceber essa diferença dos falares quando temos uma cidade chamada pelos habitantes de outro país de uma forma diferente, no seu idioma; Vico usa

o exemplo dos nomes das cidades húngaras que são chamadas de uma forma pelos húngaros, e de uma forma bem diferente pelos alemães. O idioma alemão, considerado pelo autor uma língua heroica viva, observa que os alemães transformam toda palavra não alemã em palavras nativas, fugindo assim dos estrangeirismos linguísticos; aos gregos e latinos tal prática era comum, onde há tantas palavras estrangeiras nos vocábulos grego e latino, que se tornaram nativas entre si.

Portanto, podemos considerar nesta formação tanto das três línguas como das três idades seus inícios foram sincronizados, ou seja, ao mesmo tempo se teve os deuses, heróis e homens, pois os homens usavam de sua imaginação para fantasiar os deuses, e a partir disso criam ser sua natureza heroica mescla da natureza divina. Então neste mesmo tempo iniciou-se a formação destas três línguas, que desenvolveram ao mesmo tempo em que as letras. Entretanto essas três línguas possuem consideráveis diferenças entre si; enquanto a língua dos deuses em sua primitividade foi quase toda muda e muito pouca articulada, a língua dos heróis mesclava a articulação fonética e a mudez, vista nas línguas vulgares e nos caracteres heroicos em que escreviam os heróis, onde Homero escreve **σήματα**. Para a língua dos homens sua característica principal era de uma língua bem articulada e pouca muda assim se identifica um valor maior às palavras que aos objetos que representam essas palavras.

Conclui que necessário foi a língua heroica em seu principio, ser desconstruída, e por essa razão a dificuldade em compreender certas fábulas. O exemplo que se tem acerca deste problema é a fábula de Cadmo, o fenício. Ele mata uma grande serpente, tira-lhe os dentes e os semeia nos campos, das valas nascem homens com armas, lança-os uma pedra no meio dos homens, onde estes se confrontam até a morte, e em seguida Cadmo se transforma em serpente.

Ao mesmo tempo em que se formou o caráter divino na figura de Júpiter, caráter esse que foi o primeiro pensamento dos homens primitivos, paralelamente teve a formação da língua articulada mediante onomatopeias. Aos latinos, o caráter divino de Júpiter foi construído a partir do som de um trovão, que fora denominado por eles como “*Ious*”; e deste silabar do raio denominou-se aos gregos **Ζεύς**. Para os orientais o fogo que ao queimar produz um som e chamavam-no “*Ur*”, que derivando se chega em “*Urim*”, que é a potência do fogo; desta mesma origem aos gregos se tem a denominação do céu, **οὐρανός**, e para os latinos, o verbo “*Uro*” que significa queimar, e onde da mesma derivação do raio, proveio “*Cael*”, que significa céu.

#### 4. O CURSO DAS NAÇÕES NO PARALELO DAS COISAS HUMANAS

Descreveremos neste capítulo a relação das três idades trabalhadas por Giambattista Vico e com isso será exposto às coisas civis com que as nações caminham ao longo de sua história, bem como a relação unilateral que há entre as nações e suas culturas, principalmente no que consta suas origens, nos tempos obscuros das antigas religiões.

##### 4.1 A RELAÇÃO ENTRE AS TRÍADES DA HISTÓRIA

Tendo pesquisado até aqui as três idades e suas origens, a questão filológica nas três idades das nações gentias, e considerando o percurso em cada idade, chega-se a conclusão de que a História para Vico é pautada numa História ideal eterna. Ela é percebida pelo autor no momento em que vê a relação entre um artifício humano à formação do Direito dentre as nações, que é um senso comum entre as nações que segundo o autor, foi ensinado às nações gentias pela providência divina e assim se modificaram entre si mediante as necessidades de cada nação; pois o modelo era o mesmo, mas as necessidades eram diversas entre elas. Assim isso se comprova nesta máxima que afirma que “ esta história ideal é a história extratemporal da mente humana, pelo qual se explica a natureza comum das nações, e requer ser prova na história efetiva da humanidade” (Bravo; 2003,p. 31).

De tal senso comum se extrai também o que Vico chama de “Dicionário mental”, que podemos interpretar ser o engenho humano, a imaginação, que nos faz confabular de sons desconexos a sons articulados, ou seja, as palavras e línguas. O que nos faz acreditar diante dessas proposições é que os homens desde sua origem possuem certa finalidade comum que é o guardar as memórias, ou seja, sendo fatos importantes concluídos, a necessidade de descrevê-los e os perpetuar para cada geração; descrevendo assim a História humana.

Pelo que esta Ciência vem simultaneamente a descrever uma história ideal eterna, sobre a qual transcorrem no tempo as histórias de todas as nações nos seus surgimentos, progressos, estados, decadências e fins. Aliás, iremos mesmo mais longe ao afirmar que, enquanto alguém medita esta Ciência, narra a si mesmo esta história ideal eterna, uma vez que –tendo

este mundo de nações sido feito por homens (que é o primeiro principio indubitado que se colocou aqui acima) e, por isso devendo-se descobrir o modo dentro das modificações da nossa própria mente humana – ele, naquela prova “teve, tem e terá” isso mesmo o faça; porque, quando acontece que quem faz as coisas é o mesmo que as narra, não pode aí ser mais certa a história. (Vico; 2005, p. 187).

Concentraremos-nos ainda nas questões das três idades, que aos egípcios acreditavam terem transcorrido antes deles, que é a idade dos deuses, heróis, e dos homens. Essas três idades em cumprimento com o curso das nações, nos faz refletir que entre elas há uma uniformidade que as fazem caminhar lado a lado; pois no desenvolver das nações e em cada idade que situam, mediante o seu curso dentro de causas e efeitos, se pode chegar a três modos de natureza, e a partir dessas naturezas se extrai três modos de costumes que deflagram em três modos de Direito dos povos gentios, que no curso proposto se ordenaram em três modos de Estados civis.

Com essas tríades assim propostas, deflagram a partir delas e para uma melhor compreensão dentre as nações, três modos de línguas e vários caracteres foram usados para explicar os três modos de jurisprudências, dirigidos por três modos de autoridades; essas coisas humanas explicam as três ordens do tempo que a História das nações relata e segue seu curso.

O primeiro modo de natureza devido a seu caracter bestial [de uma forma que confabulava os objetos de sua realidade] é considerado por Vico como uma natureza poética, ou seja, criadora; poético, pois do grego ποιησις significa fazer, criar; e por serem criadores a partir de sua imaginação davam formas e nomes de deuses a objetos que possuíam; o que nos comprova que os deuses do começo dos tempos eram artífices da mente ferina dos primeiros povos gentios. Por serem ferozes e robustos, devido a sua imaginação temiam pavorosamente os deuses que eles mesmos criaram.

Para o segundo modo de natureza temos uma natureza heroica, onde esses heróis acreditavam ser suas origens divinas, pois acreditavam que tudo era feito pelos deuses e sendo assim se consideravam ser filhos de Júpiter, assim como os sacerdotes tinham sido gerados pelos auspícios de Júpiter. Este heroísmo os fazia assertar numa sensação de condição a uma nobreza natural. Para o terceiro modo de natureza e com um caracter

mais sutil, pauta-se na natureza humana no alto de sua inteligência, onde reconhece as leis pela sua consciência, com razão e dever para cumpri-las.

[...] Porque este foi o primeiro motivo a partir do qual foi dito serem filhos de Júpiter; o que diziam com verdade sentido, na opinião, da qual viviam persuadidos, de que os deuses faziam todas as coisas, como acima se refletiu. E isto é o que se lê na história romana: que, nas contendas heroicas, aos patrícios, que diziam *'auspicia esse sua'*, respondia a plebe que os pais com que Rômulo havia composto o senado, dos quais esses patrícios colhiam a origem, *'non esse caelo demissos'*; que, se não significa que aqueles não eram heróis, não se entende como uma tal resposta lhes possa convir". (Vico; 2005, p. 332).

O primeiro dos três modos de costumes da gentilidade possui uma bagagem carregada de conceitos religiosos segundo o autor, expostos após o grande dilúvio\*. Era necessário aos homens gentios que se preservasse sua liberdade enquanto homens ferinos, pois durante um longo tempo de grande obediência familiar, logo em seguida se viram a obedecer nos Estados e depois se tornariam civis obedecendo às leis. Ao segundo modo de costume temos os sentimentos coléricos e soberbos tal como os da vida de Aquiles, o que era natural na idade dos heróis. É considerado por Homero como o maior herói grego, e onde nos faz referência de três propriedades em contradição a três ideias dos filósofos.

Com os três modos de costumes resultam em três modos do Direito natural. O primeiro modo é o Direito divino, onde os homens acreditavam que eles e seus objetos eram posse dos deuses. A partir do termo *'Ious'* tão usado dentre os latinos e principalmente para a denominação de Júpiter, percebe-se que o direito nasceu divino, mediante propriedade ligada à adivinhação, o que Vico chama de "Ciência dos auspícios de Júpiter", e a partir dela organizavam todas as coisas humanas, que se organizam tanto para a Jurisprudência quanto para as crenças do povo.

Antes do nascimento das cidades os povos gentios já estavam em plena atividade, vivendo em pequenos grupos familiares e rurais; os primeiros grupos das cidades foram ditos "gentes maiores" pelos latinos, por serem os primeiros grupos das cidades eram considerados nobres das casas antigas. Para os novos grupos da cidade, ou

seja, as novas casas nobres eram chamadas de “gentes menores”, pois com o passar dos tempos foram crescendo embates políticos cujas casas se enfrentavam devidas suas divergências para com o modo de governar as cidades.

Ao segundo modo do Direito natural temos o direito heroico, que era imposto pela força e já com os augúrios da religião, onde a mesma é a única que pode sobressair a esse direito, pois se o direito pela força não tem êxito, o direito divino dá voz final ao comando das leis. Para Vico é o que resulta ter disposto a providência essas religiões, para frearem a animosidade com que os primeiros gentios resolviam seus embates. Segundo o autor a figura que representa o carácter heroico do direito é a figura de Aquiles, que resolvia tudo com sua lança e com um voraz ânimo. O terceiro modo de Direito é o direito humano, onde a razão já desenvolvida guia por leis iguais os homens. Com essa equidade no direito que nos mostra ser o desenvolvimento das práticas da sabedoria por suas utilidades, onde o que é chamado de sabedoria significa o uso dos objetos segundo suas próprias naturezas.

Dentro dos três modos do Direito natural percebe-se que estão ligados a três modos de Estado. O primeiro modo de Estado era o Estado divino, que para os gregos possuíam o nome de Teocrático. Pois aos homens neste período acreditavam que os deuses comandavam suas vidas e a ordem contida na natureza, e por essa razão a esses deuses houve inúmeros oráculos para a profissão de fé; onde lemos e ouvimos falar do talvez mais famoso oráculo da antiguidade: O oráculo de Delfos, onde já na sua entrada há o seguinte escrito: “conheça-te a ti mesmo”; onde vários filósofos principalmente Sócrates, nos escritos de Platão faz menção a esse oráculo.

O segundo modo de Estado é o Estado heroico. É caracterizado por um governo aristocrático, ou seja, um governo dos “mais fortes” que significava o poderio monetário e militar ser maior que a plebe, que os consideravam por esses requisitos nobres. Nos períodos históricos gregos, um exemplo desse modo de Estado era representado pelo “governo de Heraclidas”, onde pensando terem se originado mediante o carácter da “raça hercúlea” como menciona Vico, essa raça era sua nobreza, e se espalharam por grande parte da Antiga Grécia; e logo depois viera o governo dos espartanos. Observam os gregos outros tipos de governos aristocráticos, principalmente em Saturnia, onde hoje é a Itália; o governo dos romanos chamados de “governo de quirites” era baseado num sistema de sacerdotes armados que se reuniam em assembleias públicas.

Esses governos aristocráticos devidos sua natureza de distinção entre as camadas populares, e por acreditarem ter suas origens nas divindades, firmaram suas leis a esses objetos, demarcando aos plebeus somente o uso de sua vida e de sua liberdade natural, que seria o cultivo da terra. Por fim, o terceiro modo de Estado são os governos humanos; que são os momentos áureos da igualdade humana, onde mediante leis uniformes os homens se encontram iguais dentro de suas nações. Os governos mais representados são os das Repúblicas democráticas e as Monarquias absolutistas, onde os chefes de Estado legislam e torna cidadãos iguais mediante as leis, trazendo uniformidade ao Estado e os protegendo, já que possuem as forças de armas para a defesa de seus concidadãos.

Por todas as coisas que neste livro foram ditas, demonstrou-se com evidência que, ao longo de toda a vida que vivem as nações, estas transcorrem segundo esta ordem, em três, e não mais, espécies de repúblicas, ou seja, de Estados civis: pois todas tem sua origem nos primeiros governos, que foram os divinos; a partir dos quais (pelas dignidades acima propostas como principio da história ideal eterna), deve decorrer, em todas elas, esta série de coisas humanas, primeiro em repúblicas de optimates, depois nas populares livres e, finalmente, sob as monarquias; pelo que Tácito, muito embora não vendo por esta ordem, diz (tal como na *ideia da obra* advertimos) que, para além destas três formas de Estados públicos, ordenados pela natureza dos povos, as restantes destas três, misturadas por disposição humana, são mais de se desejar o céu do que de se poder jamais conseguir e, se por sorte se obtêm, não são nada duradouras. (Vico; 2005, p.749)

#### 4.2 AS TRÍADES DA LINGUAGEM E OS ARTEFATOS DO DIREITO NATURAL

Houve que com três modos de Estado, se desenvolveram três modos de línguas. A primeira era a língua divina mental, criada mediante cerimônias religiosas cujos rituais eram feitos da maneira muda, pois o que era válido no ritual era ação do rito, que gesticulado a partir de imagens e símbolos se passava a ideia de cerimônia. Ao direito, no que consta aos romanos a língua divina favorecia os “atos legítimos”, e com isso

festejavam sempre com acordos à suas necessidades. Entretanto essa língua divina convém mais as religiões, pois em seu caracter a compreensão é maior no referenciar [as imagens] do que em refleti-las.

O segundo modo de línguas foi àquela usada por meio das insígnias heroicas, ou seja, os brasões das famílias nobres, pois mediante sua força regia as leis para a plebe. No terceiro modo das línguas temos os falares articulados que é o ultimo estágio no desenvolver das línguas humanas, e é usado em todas as nações. Os sons articulados desenvolveram-se a partir de interjeições entre letras que transformavam em termos monossilábicos chegando às palavras articuladas.

Dos povos romanos como exemplo, os sons articulados se desenvolveram a partir do espanto diante dos fenômenos da natureza, como raios, rajadas de vento e tempestades. Como Júpiter, o mesmo que mediante os raios das tempestades os homens criaram seu nome a partir da onomatopeia se deu como '*Ious*'; esse espanto advindo da interjeição de Júpiter mediante o raio forma-se a palavra '*Pa!*' e à medida que se espantavam com os fenômenos da natureza dobravam as palavras e criavam novas palavras, como '*pape!*'. Desse engenho de uma interjeição divina, o autor afirma ter nascido o titulo de Júpiter como '*pai dos deuses*', e, por conseguinte denominavam aos deuses as alcunhas de '*pais*' e '*mães*' dos homens; e aos latinos restaram as palavras '*Júpiter*', '*Diespiter*', '*Maspiter*' e '*Iuno genetrix*'.

Com as línguas e suas palavras, temos seus respectivos caracteres que os expõe uma melhor compreensão de significado. Há três modos de caracteres dentro das línguas humanas. O primeiro é o caracter divino, que foram denominados como '*hieróglifos*' e assim se serviu às nações. E partindo das ideias confabuladas pela imaginação, davam vidas aos deuses por objetos inanimados ou por fenômenos da natureza, e passavam suas características às imagens e aos hieróglifos para representarem seus deuses e carregar segredos de sua nação, dentro de cada gênero, como os de Júpiter sendo os pais dos auspícios e Juno como a mãe das núpcias.

O segundo modo de caracteres são os caracteres heroicos. Eles são representados por várias figuras poéticas, dentre elas se destaca Aquiles, que representava o caracter dos combates entre as nações antigas, que por não usarem da parcimônia viam as coisas civis mediante suas espadas e lanças. Outra figura poética dentre as várias como foi mencionado e para um contraste com a figura de Aquiles, temos a figura poética de Ulisses. Enquanto Aquiles não possuía discernimento para seus embates, Ulisses assume a característica da sabedoria, o que rendeu bons frutos às nações que foram mais

Ulisses que Aquiles. Essas figuras poéticas bem como os gêneros ligados a elas fizeram com que a mente humana toma-se por hábito e assim passando a períodos de abstração das formas, e logo em seguida passam às propriedades inteligíveis, onde se deflagrou nos pensamentos filosóficos; o que se atesta no seguinte comentário: ” a filosofia só apareceu depois de um longo período dominado pela poesia, esta, por seu turno, não desapareceu com o advento da filosofia”. (GUIDO; 2004, p.75).

Para o último modo de caracteres, temos os caracteres humanos, ditos “vulgares”. Esses caracteres estão ligados intimamente às línguas vulgares e caminham lado a lado em seus períodos históricos. Os caracteres vulgares compostos por palavras e gêneros particulares em comparação aos caracteres heroicos que neste exemplo se segue: “ferve-me o sangue no coração”, desta frase heroica construíram a palavra “enfureço-me”. Desse modo de vários caracteres heroicos para o desígnio de uma ação, converte a uma única palavra. Outro exemplo está nos ideogramas chineses, onde colocam um grande numero de significados de palavras em apenas um caracter.

Do canto e do verso foram propostas aquelas dignidades: que, demonstrada a origem muda dos homens, devem ter primeiro, como fazem os mudos, emitido as vogais cantando; depois, como fazem os gogos, devem ter emitido, também cantando, a articulação de consoantes. Desse primeiro canto dos povos constituem grande prova os ditongos que eles nos deixaram nas línguas, que primeiro devem ter sido em bastante maior número; tal como os Gregos e os Franceses, que passaram antes do tempo da idade poética à vulgar, nos deixaram muitíssimos, como nas *Dignidades* se observou. (Vico; 2005, p. 293)

Com esses artefatos do conhecimento ligados entre si, chegamos a Jurisprudência, ou melhor, três modos de jurisprudência, conhecidas também como sabedorias. A primeira foi a sabedoria divina, ou “teologia mística” segundo o autor. Essa teologia significava “ciência dos falares divinos”, para melhor compreensão era o entender das adivinhações, os auspícios. E essas adivinhações eram executadas pelos denominados pelo autor como “poetas teólogos”, que segundo o autor foram os primeiros sábios da gentilidade.

Seguindo essa teologia mística do qual os gregos chamaram ‘*mystae*’, que o autor Horácio segundo Vico traduz por “intérprete dos deuses” e a partir dessa palavra e de tal jurisprudência surgiu à palavra ‘*interpretari*’ e a qual Vico faz um jogo de letras para descrever a palavra ‘*interpatrare*’ que é o “penetrar nesses pais”, como forma de uma explicação para compreender melhor o significado dessa sabedoria divina através desta teologia mística. A jurisprudência divina se articula justa a partir das cerimônias divinas ditas solenes; que aos romanos pela tamanha superstição ao dito atos legítimos, como foi explicado anteriormente, está incrustado nas suas leis palavras como ‘*Iustae nuptiae*’ e ‘*Iustum testamentum*’, ou seja, juramentos solenes sobre núpcias e testamentos.

A sabedoria entre os gentios começou pela musa, que é definida por Homero, num trecho de ouro da Odisseia, como “ciência do bem e do mal”, que foi depois chamada de “adivinhação”; com base em cuja natural proibição, porquanto de coisa naturalmente negada aos homens, Deus fundou a verdadeira religião aos Hebreus, de onde surgiu a nossa de cristãos, como nós propusemos numa dignidade. (Vico; 2005, p.200)

A segunda jurisprudência foi a heroica, em que a sabedoria deveria imperar nos negócios pela cautela e palavras apropriadas, e que na figura de Ulisses, tão aclamado por Homero segundo Vico, conseguia seus objetivos sempre utilizando de palavras apropriadas e cautela para com seu adversário. O que para os juriconsultos romanos sua reputação ecoa até os dias de hoje, pois com seu ‘*cavere*’ e o ‘*de iure respondere*’ que significava um modo de cautela para com os que precisavam provar algo em seu julgamento perante o pretor, e usavam de palavras apropriadas para que ele [o pretor] as pudesse julgar e talvez conceder pedidos ou negar acusações.

Por último o terceiro modo de jurisprudência é a humana, que analisa as situações e por meio de leis equaliza as igualdades; tal jurisprudência é exercida nos ditos repúblicas livre, e segundo Vico sobressaem às monarquias devidas serem governos pluralmente humanos em suas práticas. Portanto a jurisprudência tanto divina quanto heroica, encontram certas verdades e de certo modo foram justas, nos tempos mais ferinos; entretanto a jurisprudência humana observa as relações pessoais e assim

observa o verdadeiro [relações humanas pessoais] e isso segue nas nações ditas já iluminadas pela razão.

Com os três modos da jurisprudência e todo o seu aparato de práticas, deflagrou em três modos de autoridades para que em cada modo de jurisprudência um modo de autoridade atue sobre ele. A primeira autoridade foi à divina, onde para a providência não havia ensinamento da razão aos homens; a segunda foi heroica, onde foi fundamentada em total acordo com as solenes leis; e por último a humana, que foi fundada no valor das virtudes dos que tornavam a prudência singular nas coisas exequíveis, e aos de sapiência plena magistras nas coisas inteligíveis.

Os três modos de autoridade que usam da jurisprudência em suas práticas, estão dentro da cronologia do curso que caminham as nações e sucedem a três modos de autoridades dos senados e que estão intrínsecos no mesmo curso. O primeiro modo de autoridade foi denominado autoridade de domínio, onde se deflagrou nos *'autores'*, cuja causa está no domínio e esse direito da causa de domínio está nas leis das XII tábuas como *'autoritas'*.

Após a lei de Públio Filon, onde o povo romano foi libertado e consagrado senhores do império, e então a autoridade absoluta que era do senado, se volta para o povo e ao senado se tem a qualidade de um tutor dos civis, tal como um conselheiro. Com nova fórmula de lei, foi dispensada pelo senado para o povo, que no passado era exercida pelo senado. Chegando a república da liberdade popular, após o período monárquico, se chega ao terceiro modo de autoridade que é a da sabedoria, ou da autoridade de conselho; pautados nos jurisconsultos no período imperial que durante tal período foram chamados *'autores'*. Essa autoridade tem equivalência à autoridade dos períodos monárquicos, onde possuem liberdade para a escolha dos conselhos do senado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi descrever a relação da linguagem e os processos que as transformaram dentro dos períodos históricos sob a interpretação de Giambattista Vico. A pergunta inicial se dá em como a sociedade humana iniciou sua progressão no falar e escrever, e junto disso os caminhos que essa mudança proporcionou na linha da História humana.

Na descrição das três idades há uma dinâmica que se assemelha ou definitivamente se consolida como um “ciclo”, de modo que forma uma sequência necessária que é encontrada em diferentes partes do mundo e em diferentes povos e possui uma função em tal sequência, que recebe o nome de “*corso*” e é seguida pelo “*ricorso*” formando um ciclo de eras, onde sempre haverá o retorno de tempos, sejam eles bons ou maus, heroicos ou desonhorosos, poéticos ou insanos.

A questão de a história ser considerada um “circulo” não partiu integralmente de Vico. Já na Grécia e Roma, essa percepção de modo prematura era elaborada. A título de exemplo, o historiador grego que relata a ascensão romana, chamado Políbio, sugeriu a monarquia que seguisse seu caminho naturalmente, e que dessa forma passaria de monarquia a aristocracia, e de aristocracia a democracia, e no momento de declínio de tal democracia, a monarquia retornaria ao modo de governo.

No período medieval as visões cíclicas foram substituídas pelo pensamento judaico-cristão de modo que a história seguia um movimento que visava unicamente à meta de consumação dos tempos. Já no Renascimento como o próprio nome relata, há uma concreta mudança no sentido da história, e tais concepções foram estudadas nos séculos subsequentes.

Pode-se pensar que Vico em alguns momentos não aceitava fatos específicos ocorridos em seu tempo, um deles seria a questão das leis, sendo que para estudá-las, muitos não utilizavam dos códigos das leis romanas, como modo de interpretação, já que estas eram à base do Direito e que seus contemporâneos [jus] naturalistas, partidários do cartesianismo tentaram incorporá-las nos sistemas de ensino. Assim também não concordava com o modo como alguns pensadores formavam as ideias relativas à semelhança dos povos e seus mitos e que todos possuíam uma fonte comum, o culto a algum deus.

Vico acreditava em um processo de cunho autônomo para o desenvolvimento de cada nação e assim em cada nação surgiria seu próprio Júpiter, seu próprio Hercules enfim, seus heróis. Acreditava também que não havia uma sociedade de ateus e que todas as nações antigas praticavam ritos religiosos e participavam de certos tipos de cerimônias, como o sepultamento dos mortos, os matrimônios solenes e condecorações a guerreiros.

Giambattista Vico para muitos foi e é além de filósofo, historiador e poeta, um homem de tradição e renovação, não contraditório, mas firme em cada linha de seus escritos. Sua análise poética da história, nos mostra de como o encantamento do mundo é necessária para que possamos nos desenvolver de forma harmônica, já que a providencia aconselha o entendimento humano para que os homens vivam toleravelmente em sociedade e encontrem satisfação em suas ações.

## 6. REFERÊNCIAS

PLATÃO. *Crátilo, ou sobre a correção dos nomes*; Tradução e notas por Celso Vieira. São Paulo, 2014. –(Coleção textos filosóficos)

VICO, Giambattista. *Princípio de uma ciência nova: Acerca da natureza comum das nações*; Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Editora Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa, 2005.

BURKE, Peter. *Vico*; 1997. Editora UNESP (Universidade Estadual de São Paulo).

ROSSI, PAOLO. *Os sinais do tempo: História da terra e História das nações de Hooke a Vico*; Tradução Julia Mainardi. São Paulo, 1992.

BRAVO, López Carlos. *Filosofia del la Historia y Filosofia del derecho em Giambattista Vico*; Universidad de Sevilla; Sevilla, 2003.

GRIMAL, Pierre. *História de Roma*; 2010. Editora UNESP (Universidade Estadual de São Paulo).

ARISTÓTELES. *Poética*; 2004. Editora Nova Cultural.

GUIDO, Humberto. *Giambattista Vico: A filosofia e a educação da humanidade*; 2004. Editora Vozes.

*Dicionário Martins Fontes italiano-português/ coordenação geral Ivone C. Benedetti – São Paulo, 2004.*

FUCHS, Angela Maria Silva. FRANÇA, Maira Nani. PINHEIRO, Maria Salete de Freitas (Organizadoras). *Guia para normalização de publicações técnico-científicas*. Uberlândia: EDUFU, 2013.

